

**INTERFACES LITERÁRIAS ENTRE BRASIL E CABO VERDE:  
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM “FAMINTOS” E “BRUTOS”**

Ms. Eidson Miguel da Silva Marcos (UEPB)  
Profª. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

**Resumo:**

Observar como o texto literário veicula formações no que diz respeito à identidade nacional, ao reconhecimento étnico e a consciência de classe social, por exemplo, torna-se imprescindível quando a discussão esta relacionada a certos eventos históricos e literários. Tal é o caso, em pleno século XX, de elementos literários emergidos em meio aos processos de luta pela independência empreendidos no campo político, militar e cultural por países como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe – então colônias portuguesas na África – e por obras inseridas no âmbito do Modernismo brasileiro, localizado principalmente na primeira metade do século XX. A partir da explicitação das relações sócio-históricas e literárias entre o Brasil e o arquipélago de Cabo Verde buscaremos, no presente trabalho, realizar uma leitura comparativa entre *Famintos*, do cabo-verdiano Luis Romano, e *Os Brutos*, do potiguar José Bezerra Gomes, ambas situadas nos percursos literários já referidos, procurando contemplar os aspectos ligados à formação de identidade nacional, reconhecimento étnico e de crítica social veiculada pelos romances.

**Palavras-chave:** Literatura Cabo-verdiana, Literatura Brasileira, Formações Identitárias.

Brasil e Cabo Verde possuem uma reconhecida história de relações culturais, que vão desde o passado colonial em comum até as influências literárias que remetem à construção da identidade nacional de ambos. O Modernismo brasileiro no século XX vai revitalizou o projeto da busca de uma brasilidade, superando certos recalques que gerações anteriores traziam.

Com ele, o nacionalismo, proveniente do século XIX, ou bovarista ou pessimista, se transforma e se enriquece pela incorporação do sentido e do sentimento da “brasilidade”. Distingue-se então: 1º) pelo neo-indianismo de “devoração” das persistências externas verdadeiramente não assimiladas e pela investigação do caráter nacional; 2º) pela análise das poéticas em voga em termos de rigorosa adequação com a nossa expressão e criação próprias; 3º) pela observação objetiva e imparcial do social (CASTELO, 1999, p. 28)

O Modernismo Brasileiro, bem como o Regionalismo nordestino de 30, repercutiram além do território nacional. O arquipélago de Cabo Verde assimilou essa influência de forma bem marcante, tanto é assim que: “é o conhecimento do Modernismo brasileiro e do romance nordestino, nos anos 30, que dinamiza o surgimento duma genuína literatura cabo-verdiana” (SEMEDO, 2001:254).

Isso porque:

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos<sup>1</sup> – em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné-Bissau – evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado. (GOMES, 2008, p. 112).

As semelhanças geofísicas, humanas e literárias entre Brasil e Cabo Verde são fortemente aludidas por Luis Romano.

Se, por empatia, nos primórdios do telurismo Literoverdiano surgiram convergências temáticas já predominantes no Nordeste brasileiro – sem decalque de molduras, mas sim interações emotivas –, foi porque tais regiões se identificam pelas conseqüências cíclicas da Estiagem, fustigando seus habitantes, que muito se assemelham não só etnicamente, mas também pelo sentimento fraternal, aos Kriolanders marcados por idêntica Saga flagelante.

(...)

Progressivamente e sem alarde, sob impulso dos movimentos juvenis – Realista + Neo-realista + Modernista & Surrealista –, estorou do BRASIL divulgação de livros extraordinários que, quase advinhos, relatavam Semelhanças nordestinas com a dramática vivência dos “famintos/flagelados” na KRIOLANDA, descritas em “casos” e “estórias” locais que, mesmo ignorando a existência das ILHAS, confirmavam o quanto esfervilhava na alma das Esperanças daquelas épocas e desventuras.

Com isso e para tanto, ateou-se incontida fogueira de envergadura nacional, que se derramou em fagulhas por todo o Arquipélago de KABVERD, formando Vida & Corpo da Revista “CLARIDADE”: nossa inicial bandeira Literoverdiana! (1936). (ROMANO, 200, p. 69)

Os Romance *Famintos* de 1940/1962, de Luis Romano, e *Os Brutos*, de 1938, de José Bezerra Gomes, então, apresentam panoramas de seus respectivos contextos de produção. Romano com um olhar mais contundente, Bezerra Gomes com um mais sutil.

Luis Romano nasceu em 6 de outubro de 1922, na ilha de Santo Antão, uma das dez que compõem o arquipélago cabo-verdiano, e morreu na cidade de Natal/RN, em janeiro de 2010. Autor multifacetado, Romano enveredou pela prosa de ficção, poesia, narrativa curta, ensaios críticos e antropologia, tendo colaborado com diversas revistas literárias internacionais. Militante pela causa independentista cabo-verdiana, Luis Romano, perseguido pela polícia política portuguesa (PIDE), emigra seguidamente para Senegal, Marrocos e Brasil, onde se exila na década de 60. Estadista, Romano exerceu a função de cônsul honorário de Cabo Verde no Brasil após a conquista da

---

<sup>1</sup> Termo referente à Revista literária Claridade, lançada pela primeira vez em 1936 e que congregou escritores e intelectuais cabo-verdianos em torno do projeto de “fincar os pés na terra”, isto é, privilegiar os aspectos históricos, sociais e culturais do arquipélago.

autonomia política do arquipélago, na segunda metade da década de 70. Em 1962 é publicado seu romance *Famintos*, que chegou a ser proibido pela censura brasileira.

Em *Famintos* um narrador que se autoneomeia “Negro-de-Lábios-Grossos” apresenta um panorama da “Ilha sem Nome”, metáfora do arquipélago de Cabo Verde, lugar onde se desenrola o romance, que se situa cronologicamente na década de 40 do século XX.

Irmão

Que as cenas que vais ler neste livro retenham sua sensibilidade, como tão profundamente se estamparam no meu íntimo.

Que nelas encontres o teu drama – o drama de nós todos – e, te confortes, porque UM – SONHO – ESPERANÇA – é o ideal de tantos outros que alimentamos.

Que nestas objectivas vejas “casos” que ficaram desfeitos pela mentira de uma verdade e compreendas o pranto deste Negro-de-Lábios-Grossos como hino de amizade.

... nascidos na humildade da sua espécie os Sem-Nome baquearam na treva horrível.

Ligados pela mesma desdita, seus nomes fundem-se no silêncio que ainda fala por eles. (ROMANO, 1962, p. 9-11)

Duas grandes mazelas assolam esses habitantes da “Ilha sem Nome/Cabo Verde”: o fenômeno climático da seca, que assola constantemente a Ilha sem Nome, situação agravada pelos ventos quentes que descem do Saara em direção ao arquipélago, e as desigualdades existentes no seio da estrutura social, representada por uma classe dirigente insensível, associada no romance ao fascismo:

Ditador é um assombro, veja para estes que vão morrer porque já não prestam e ainda sorriem! – a ponta do indicador mostrava a gravura estrangeira que chegara no correio da manhã. São leprosos que vão ser eliminados em câmaras de gases. Magnífica mentalidade! Organismo perfeito, não há dúvida, meu caro!

Crioulo limpou os óculos e acenou com a cabeça, examinando melhor enquanto Mulato prosseguia: – Esta gentalha do Povoado precisava ser liquidada assim, uma vez que já não presta para nada; porque razão perde-se um tempo precioso com esse número avultado de cadáveres ambulantes.

– É verdade, está-se perdendo tempo e dinheiro com tanta imundície que nem já tem forma humana.

– A meu ver, remédio eficaz, seria uma boa metralhadora. Limpava-se a região de uma só vez, que a canseira compensaria tôda a maçada que tenho sobre os ombros com estes trabalhos de salvação pública; (ROMANO, 1962, p. 65)

E por uma classe comerciante gananciosa, que se aproveita da vulnerabilidade dos famintos para se apropriar dos poucos bens que possuem. Como fica exposto na queixa/denúncia de Cosme, pequeno proprietário que se vê forçado a vender as terras que conseguiu por uma soma de 25 contos

de réis, graças à condição de “desembarcado d’América<sup>2</sup>”, ao comerciante seu Joãozinho por três contos e duzentos, valor afixado por este último:

– Não. Vendi minha hortinha. Sr. Joãozinho comprou foi canseira de fábrica onde trabalhei anos sem conta. Êle comprou minha casa onde nasceram meus meninos, tudo quanto ajuntei debaixo de suor e fadiga, por três contos e duzentos mil réis. (ROMANO, 1962, p. 45)

Às desigualdades de caráter social se agregam outros aspectos, como os de caráter étnico. Vejamos a esse respeito dois fragmentos, o primeiro que aponta a fala de Campina, um argentino que vive na Ilha sem Nome a lastimar a condição dos seus habitantes, e outro que reproduz o desabafo de um contratado para trabalhar nas roças de café da costa africana, o que ilustra uma das facetas, a exemplo da condição de “desembarcado d’América” de Cosme, da emigração característica dos ilhéus.

Infelizmente esta terra não tem gente que sente pena de coitadinho. Aqui, pretalhada que pede esmola é comida de chicote de quem tem poder, até morrer como barata. Quem manda é quem tem loja e milho branco na sacaria para trocar horta por coisinha de comida. Meu patrão dizia que era penoso ver irmão brigando contra irmão. Sim, aqui é tudo pretalhada. Quem tem govêrno na casa e loja com prateleira cheia de fazenda, passa logo a ser considerado como branco, mesmo se côr dele for mais escura que cinza de carvão. (ROMANO, 1962, p. 101)

– safadeza! Moço, tudo veio enganado da mesma forma. Quem chega já não pode voltar e fica amarrado para quarto anos de trabalho penoso. Muitas vezes morre sem poder voltar. Eu já estou em dez anos. Tenho histórias para contar. Branco tem coração cheio de fel, quando é patrão. (ROMANO, 1962, p. 279)

Campina alude a uma divisão étnica e social existente nas ilhas: quem manda e quem é comida de chicote, quem é preto e quem é ‘considerado’ branco. Esboça-se aí uma estrutura social onde os que detêm algum poder – comerciantes e classe dirigente – não “sentem pena de coitadinho”, onde existe uma oposição entre o branco e o preto, onde “Quem tem govêrno na casa e loja com prateleira cheia de fazenda, passa logo a ser considerado como branco” (idem, 1962, p. 101). A “pretalhada” aparece aí como uma categoria étnica/social inferiorizada por uma elite “branqueada”. Fato corroborado pela queixa do emigrante que trabalha nas roças da costa africana, para quem “Branco tem coração cheio de fel, quando é patrão” (idem, p. 279).

Passemos agora à leitura d’*Os Brutos*.

---

<sup>2</sup> Termo que remete ao natural da ilha que emigrou para o continente americano em busca de trabalho, conseguindo acumular algum pecúlio.

O poeta, romancista, ensaísta, pesquisador da cultura, historiador e estadista José Bezerra Gomes nasceu no dia 9 de março de 1911 na fazenda Brejuí, localizada no município de Currais Novos, Estado do Rio Grande do Norte, vindo a falecer no ano de 1982 na cidade de Natal. Sendo “Filho de uma rica e tradicional família de seridoense<sup>3</sup>, José Bezerra Gomes nasceu herdeiro de coronéis. O Capitão-Mor Cipriano Lopes Galvão, fundador da cidade de Currais Novos, é o seu ancestral mais ilustre.” (NUNES DA SILVA, 2005, p 173). Sua atividade ficcional enquadra-se no âmbito do Regionalismo nordestino dos anos 30.

Em 1938 publica seu romance de estréia, *Os Brutos*:

Trata-se de uma narrativa personativa, visto que um único personagem detém a autoridade sobre o discurso e o mantém ora em torno de si próprio, ora sobre terceiros. É através dos seus olhos que leitor vê o mundo ficcional.

Esse é um romance de costumes feito ao molde da narrativa de reminiscências. Segundo SANTIAGO (1989, p. 41) esse tipo de narração esteve em voga entre os modernistas. José Lins do Rego, Guimarães Rosa e o próprio Mário de Andrade escreveram sob a ação de reminiscências. Essa tendência de retratar situações cotidianas é fator de excelência da proposta modernista, pois é através de escritura como essa, que se possa apreciar a diversidade cultural registradas em diferentes obras.

O autor de *Os Brutos* utiliza-se de dois recursos característicos da época (neo-realismo de 30): a aproximação da ficção com o real e o compromisso com a veracidade dos fatos. (NUNES DA SILVA, 2006, p. 6)

O romance se passa na Vila de Currais Novos, na primeira metade do século XX, e gira em torno do jovem Sigismundo, narrador personagem d’*Os Brutos*, que vivencia e observa várias situações cotidianas de uma pacata localidade do interior do Rio Grande do Norte, que segue seu curso a sombra da economia algodoeira. Esse narrador personagem registra pormenores ligados ao comportamento, relações, mentalidade etc. das pessoas que o circundam, nos legando assim um interessante panorama sócio e psicológico da época e grupo social em questão.

Dessa forma, vejamos que leitura desse contexto emerge d’*Os Brutos*. Com ralação à paisagem vemos que não se utiliza a clássica imagem do Nordeste seco e miserável, pois:

O Seridó estava cheio de barreira a barreira. Na Rua do Rio, a água estava entrando nas casas. O açude do Governo tinha sangrado e a água subia, subia. (...) Agora eram os algodoeiros que estavam florando e acasulando nos roçados. Fazia gosto se dizer como renascia na força e na esperança da safra. Algodão na folha estava dando um preção e haviam soltado tanto dinheiro nas feiras de Currais Novos que um homem das bandas da Zagareia tinha lavado o cavalo com cerveja e acendido um charuto com uma nota de cem mil-réis. (GOMES, 2005, p. 13).

---

<sup>3</sup> O termo “seridoense” remete à Seridó, região fisiográfica que compreende partes dos Sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

Nessa paisagem, rural e urbana, desenrolam-se os episódios do cotidiano dos curraisnovenses que compõe o romance, tudo captado pelo olhar/câmera do personagem narrador Sigismundo. Vejamos uma passagem emblemática do romance que trata da situação do sacristão João que, atormentado pelas suspeitas sobre si de ser virgem e, de acordo com a mentalidade local, com possíveis propensões ao homossexualismo, decide provar sua virilidade tendo relação sexual com uma prostituta da rua do Aterro, zona do baixo meretrício da cidade:

Porém o sacristão tinha um desgosto na vida. Os rapazes diziam que ele nunca tinha feito e lhe chamavam de “Zé Munheca”. Vivia moído por dentro com o apelido que a rapaziada lhe botara e estava resolvido a afastar aquela suspeita da sua vida de moço solteiro. (...) E uma noite, quando as ruas estavam bem cheias, saiu da casa do padre, disposto (...) Avistou de longe o aterro (...) A primeira casa que viu entrou. Tinha duas mulheres sentadas à porta, no batente (...) Viu que uma das mulheres por que tinha passado entrou atrás e disse que o quarto dela era o outro (...) Olhou a rede esperando armada (...) Levantou-se e se vestiu tremendo de alegria (...) Uma alegria estranha tinha tomado conta do sacristão. (...) A sua vontade era tanta que já se imaginava doente, com uma íngua na virilha, caminhando coxo, apoiado numa bengala. E quando passasse na porta do bilhar? Exibiria o mais que pudesse que estava doente, que era um homem e que também fazia o que os outros faziam. E quando os conhecidos lhe perguntassem: – Algum mal jeito na perna, seu João? – Haveria de responder: – Não. São coisas da vida... (GOMES, 2005, pp. 24 e 26).

As instituições públicas, através da educação, também são captadas pela lente crítica do narrador, como podemos ver no capítulo 10:

Tia Maria era uma mulher triste mas tinha um dia de alegria. Era quando era Quinze de Novembro e as aulas do grupo se encerravam. O salão do grupo ficava cheio de flores que ela mesma enfeitava junto com as meninas. Era a primeira pessoa que chegava. A música ainda não tinha chegado, os outros pais não tinham trazido os filhos, ela já tinha levado o filho, que ficava sentado onde ela o deixava, com os seus cachinhos compridos de boneca de louça.

Os meninos iam vindo todos de branco e as meninas de blusa branca e saia azul. Os pais vinham também para assistir. Dona Pureza trazia os três filhos: duas meninas e um menino que era o primeiro da classe e que lia corrente os jornais e escrevia bilhetes para a mãe assinar. Todo ano tirava medalha de ouro e era quem declamava a *Pátria*, uma poesia de Olavo Bilac, que dizia assim e que ele recitava todinha sem perder uma vírgula e a entonação da voz:

(...)

Os presentes, quando ele terminava, batiam palmas. Dona Pureza, gorda e risonha, recebia felicitações. Os outros pais olhavam para ela sentindo inveja. E Dona Pureza pensava então que era a mulher mais feliz da terra, assim recebendo aplausos pelo filho, que era o primeiro da classe no aproveitamento e no comportamento.

Vinham os outros meninos e recitavam outras poesias. Era um dia de felicidade para todos os pais de família de Currais Novos. Os que não tinham filhos no grupo traziam os filhos assim mesmo para que vissem como a educação era bela. (GOMES, 1998, pp. 31-32)

A mentalidade reinante, tanto no aparelho burocrático quanto no seio da comunidade, é contemplada pelo narrador através da sua exposição.

No fim do romance a família de Sigismundo se vê obrigada a se desfazer de sua propriedade, o sítio Alívio, em virtude da irregularidade das chuvas e da rigidez dos grandes proprietários de terra, representados na figura de seu Tota, credor dos pequenos agricultores. Sigismundo, seus pais e alguns funcionários, então, emigram para São Paulo em busca de uma melhor condição de vida, condição estigmatizante de muitos nordestinos.

Os roçados botados de novo, as cercas em pé, o açude acabado e nada de chover. Mal neblinou, a terra não molhou e o açude sem um pingão d'água. As aves deixaram de cantar e os matos secaram. Quando mais o Alívio precisou de chuva para as suas terras, o inverno faltou. Só para seu Tota foi bom. Um ano de seca lhe rendia mais do que um ano de safra, de fartura. Fazia os melhores negócios pela hora da morte, tomando as terras dos seus devedores atrasados pelo preço que queria. (GOMES, 1998, p. 54)

Assim como em *Famintos*, *Os Brutos* também esboça o panorama de um sociedade que, igualmente marcada pelo fenômeno climático da irregularidade das chuvas, apresentada uma realidade onde determinados grupos de indivíduos enriquece, paralelamente a outros que sofrem um processo de empobrecimento. O romance expõe o fato de que o enriquecimento dos primeiros se processa a partir do aproveitamento da decadência dos segundos, que são muitas vezes, semelhantemente aos habitantes da Ilha sem Nome, forçados a emigrar para escapar da miséria.

No tocante a apreensão crítica do social, que desemboca no projeto de formação identitário percebe-se, portanto, uma relativa semelhança entre os romances *Famintos* e *Os Brutos*, ambos apresentam uma aferição crítica da realidade social, pondo em relevo as desigualdades existentes no seio das estruturas sociais, que marcam a identidade de seus respectivos contextos de produção. Vale ressaltar algumas peculiaridades de cada autor, como a contundência – por vezes exagerada e grotesca – de Romano e a sutileza de Bezerra Gomes. No que se refere, entretanto, à problematização de questões de cunho étnico vem à tona discrepâncias entre o projeto literário dos dois autores.

Enquanto Luis Romano destaca na sua obra a condição do mestiço e do negro na “Ilha Sem Nome”, problematizando assim questões de cunho étnico e social, ‘denunciando’ a condição histórica do negro em oposição ao do mestiço e ao branco, e propalando também o caráter mestiço da sociedade cabo-verdiana, isso não se verifica n’ *Os Brutos*. Em seu romance, José Bezerra Gomes não problematiza questões de cunho étnico, como por exemplo a condição mestiça do nordestino, que segundo Romano (2000) se parece tanto com o ‘irmão mestiço de Cabo Verde’, e a situação histórica do negro, e do índio, ao longo da trajetória de seu contexto de produção.

Além de não problematizar tais questões em sua obra ficcional, Bezerra Gomes reproduz, em momentos de sua poesia, discursos de caráter historiográficos que apresentam homens brancos e oriundos de classes dirigentes como únicos protagonistas da história, que “assumem/a paternidade/de Currais Novos/diante do testemunho do tempo percorrido” (GOMES In RODRIGUES, 2011, p. 18), cultivando a ideia de um patriarcado fundador. Protagonismo patriarcal esse que encobre a participação de alteridades outrass na conformação da história, a exemplo do negro e do índio.

Quando José Bezerra Gomes olha pra sua terra Natal a vê

...casa-grande  
Do mourão da porteira  
De Currais Novos  
Do Capitão-Mor Cipriano Lopes Galvão  
Na sombra do tempo...  
Na sombra do passado...  
(GOMES IN: IVAN, 2005, p. 67)

O que podemos constatar é que:

Em seu poema renasce a memória e o pressentimento de um lugar perdido; e lugar onde se perde; há um gosto, uma reminiscência; sim, uma nostalgia. Uma nostalgia de quê? Da origem. O poeta recorda a origem: *a vila, a casa-grande, pessoas/donzelas* do convívio familiar, o *Capitão-Mor Galvão*, historicamente, o fundador da cidade e, de quem era parente... (IVAN, 2005, p.69)

Ainda segundo Ivan (2005):

José Bezerra Gomes nunca escapou do ambiente rural de seu sítio, sítio de Brejuí, poética/inspiração natural, Currais Novos. É um poeta rural; nunca foi urbano. Daí os temas regionalistas que recorrem em seus livros e caracterizam seus diferentes poemas. Sobretudo a terra e a família, marcados pela dimensão do passado. Seus temas nascem das relações de família, avós tios, primos, parentes próximos; um universo onde o parentesco define o lugar do sujeito no espaço da sociedade... (IVAN, 2005, p. 71)

Tal fato, portanto, não seria um traço isolado ou mera característica autoral, mas estaria ligado a uma tradição, a uma memória familiar conectada por sua vez a um reconhecível processo de invisibilização e apagamento cultural de alteridades outras conformadoras de nossa identidade cultural. Segundo Julie Cavgnac:

as referências às identidades diferenciais são discretas, também nas representações nativas do passado, percebemos uma ausência dos principais atores da história colonial. Nos dois casos, as populações autóctones, os escravos e os seus

descendentes, são relegados ao segundo plano. (CAVIGNAC, 2011, p. 195)

Fato esse que reverbera no campo do conhecimento e da criatividade humana, como a literatura, uma vez que:

O apagamento do ancestral mediante o genocídio, o assassinato, a escravidão e a distorção da memória cultural é precisamente o trauma que precisa ser atravessado/trabalhado para uma reconstrução da episteme cultural. (WALTER, 2009, p. 27)

Dessa forma, podemos aventar que tal apagamento repercute em obras produzidas no âmbito do regionalismo nordestino, visto ser ele também um movimento de cunho elitista, surgido enquanto um resposta ideológica ao declínio pelo qual passavam os grupos oligárquicos nordestinos no decorrer da primeira metade do século XX. Tendo em vista ainda que no Nordeste, e ainda mais no Rio Grande do Norte, a história “foi primeiramente escrita externamente aos contextos acadêmicos e, essencialmente, pelas elites locais que tentaram apagar, a todo custo, as especificidades étnicas ao longo dos séculos” (CAVIGNAC, 2011, p. 196).

Portanto, quando consideramos as construções identitárias veiculadas pelos romances *Famintos* e *Os Brutos* constatamos que o segundo, ao contrário do primeiro, não problematiza questões de cunho étnico. Obviamente que o autor não seria obrigado a contemplar tais questões em sua obra, no entanto o que se nos afigura, principalmente a partir da leitura de seus poemas, é que essa não problematização estaria inserida em um amplo e reconhecível projeto de apagamento de alteridades conformadoras do perfil histórico e cultural do contexto de produção dos textos ficcionais e poéticos, que tinham, ressalta-se, um forte pendor documental e memorialístico.

## **Referências Bibliográficas**

CASTELO, José Aderaldo. Conceito de Literatura Brasileira. In: *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999, pp. 17-33.

CAVIGNAC, Julie. “Índios, negros e caboclos: identidades e fronteiras étnicas em perspectiva. O caso do Rio Grande do Norte”. In: *Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos, alteridades*.

CARVALHO, Maria do Rosário. REESINK, Edwin. CAVIGNAC, Julie (Orgs.). Natal: EDUFRN, 2011, pp. 195-244.

GOMES, José Bezerra. *Os Brutos*. In: *Obras Reunidas: romances*. 2ed. Natal: EDUFRN, 1998.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.

- IVAN, Francisco. *Currais Novos: imagem/tempo/espço*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2005.
- NUNES DA SILVA, Vilma. Os Brutos: escrevivências de um escritor de província. In: *Revista da Faculdade do Seridó*, v.1, n.0, jan./jun. 2006.
- NUNES DA SILVA, Vilma. *Os Brutos: tradição literária e a memória cultural do Seridó*. Natal/RN: UFRN/CCHLA/PPGEL, 2005.
- ROMANO, Luis. *Kabverd civilização e cultura*. Rio de Janeiro: Minerva Press, 2000.
- ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.
- ROMANO, Luis. *Famintos*. Rio de Janeiro: Leitura S/A, 1962.
- SEMEDO, Manuel Brito. “O Modelo Brasileiro e a Literatura Moderna Cabo-verdiana. Estudo comparado”. *África: revista do centro de estudos africanos*. USP, São Paulo, 22-23: 253-265, 1999/2000/2001.
- SOUZA, Joabel Rodrigues de. *Centenário de José Bezerra Gomes*. Currais Novos: Fundação Cultural José Bezerra Gomes, 2011.
- WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.